

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL

||

CRER e ESPERAR

Não málsinemos, nós também, como se ouve com basta frequência, este século em que à Providência aprouve que transcorressem os nossos dias e se realizassem os nossos destinos. Rã-conheçamos, ao invés, que se trata de uma época altamente fecunda em trabalhos, em lutas, em pesquisas é, sobretudo, em resultados admiráveis. O homem sente-se tomado de vertigem, depois de muito pensar e de muito sofrer: -obstinadamente, ele vem rasgando os véus a todos os mistérios, que se escondem nas imensidades dos espaços, nas profundezas da terra, na amplidão dos mares, enquanto que, por outro lado, busca igualmente penetrar nos mais sagrados e misteriosos recessos do assombroso mundo psíquico que o rege e orienta.

A ânsia de conhecer cada vez mais a transcendência do Universo que o envolve é um desafio constante que se lhe depara, espicaçando-lhe os brios e propendendo-o a desnudar novos mistérios, nos arcanos imensuráveis do desconhecido.

Ao longo dos séculos vai crescendo, assim, o grosso causal das conquistas e das descobertas; mas, à medida que vai progredindo, de todos os ângulos sobem perguntas, restrugem brados, se levantam clamores.

No entanto, e paralelamente, a todo o requinte de bem-estar físico corresponde sempre uma grande ânsia, a todo o prazer inventando se contrapõe uma aspiração imensa, a cada nova conquista da técnica está adjunto um arrojado bater de asas para mais longínquas paragens. Porém, a insatisfação nunca tem limites definidos: todas as maravilhas criadas pela arte, pelo trabalho e pela técnica não lograram distrair o espírito humano, nem obstaram a que ele se não voltasse para o temeroso enigma do seu destino. Esta é, com efeito, a angústia suprema para o Homem, o "ser ou não ser", que representa inquestionavelmente o problema capital que domina todos os postulados, interessa a todos os estudos e se envolve em todas as preocupações, dos tempos idos e gerações desaparecidas às que decorrem na exultância da hora presente. Sim; embora deslumbrado por tantas luzes, rodeado de tanto conforto material, cercado de uma intensa e profunda cultura, arrojando-se aos mais altos cometimentos, o Homem não deixou de reflectir profundamente sobre o problema do seu destino. E, se bem que o não pareça, a verdade real é que o espírito humano, cada vez mais se debate em tão soberana preocupação, vive aterrado perante essa perspectiva, sacudido por estremecimentos e cheio de interrogações.

Mas, bastar-lhe-á um mínimo de bom senso para logo inferir que nunca poderia ter sido criado para lutar e vir a ser, depois, brutalmente despedaçado, na voragem de todos os horrores e sumir-se numa leiva de terra. O espiritualismo, nimbando-lhe suavemente o pensamento e a razão, traz-lhe um consolador arrimo numa crença profunda e sincera no Deus Criador e Senhor dos Mundos. Nela estão contidas todas as questões da origem é do fim da Natureza. Para todas as interrogações tem uma solução definida, certa, total. Vai-lhes ao cerne, desvendando-lhes os segredos, ilumina-lhes as sombras e clarifica-as no esplendor do sol. Entre os combates e os tumultos das horas negras e dias sombrios, a crença em Deus é o unico e exclusivo farol das consolações supremas.

Na verdade, a fé vivida em plenitude, alenta e robustece o espírito, aligeira os transes de dor, reconforta o coração, tantas vezes alanceado, e desmutiplica-se em forças, em devotamentos. Por entre o marulhar encrespado das vagas alterosas, em que tantas vezes nos sentimos perdidos é a única segurança em que nos poderemos apoiar capazmente contra as fúrias e es-carcéus dos maus instintos, dos pendores viciados, das paixões dissolventes e dos desânimos cruéis -luz redentora, enfim, sem pre a projectar ao longe clarões por sobre os abismos, a aproximar as distâncias, a transpor os espaços e a dominar o incerto.

CRER E ESPERAR! Eis, em síntese, o binómio salvador onde se condensam todas as grandezas e se reúnem todos os encantos dos sacrifícios e todas as belezas dos martírios. Só assim poderemos fazer, em plena confiança, a difícil travessia da Vida, sem cair em esmorecimentos nem vacilações, no rumo certo às claridades dos dias sem fim!

■ ALBERTO DIOGO DE SOUSA

MISERICÓRDIAS ONTEM E HOJE

DR. CARLOS DINIS DA FONSECA

Criadas há cerca de 500 anos, as Misericórdias continuam a ser tão actuais e tão necessárias como na altura do seu nascimento. Na verdade, apesar dos muitos e reais progressos sociais, jamais se conseguiu poder eliminar a necessidade de muitos, que precisam do apoio voluntário e directo do seu semelhante.

Ao longo desta sua já longa existência, as Irmandades de Misericórdia têm contribuído o mais largamente que lhes foi possível, para o exercício da solidariedade humana, promovendo o relacionamento, mutuamente enriquecedor, entre os que podem e os que precisam, entre os que dão e os que recebem, entre os sãos e os doentes, entre os mais e os menos capazes.

Esse objectivo mantém-se em plena e fecunda actualidade. As Misericórdias continuam, na verdade, a ser um factor de realização dos indivíduos, de promoção do bem-estar social. Mas, para além disso, elas facilitam a prática do maior preceito religioso, o Mandamento do Amor, cuja observância condiciona a salvação eterna de cada homem. A afirmação está bem clara no Evangelho de S. Mateus: -"quem pratica as obras de Misericórdia, salvar-se-á; quem as não pratica condena-se".

Porque são associações de cristãos que acreditam no Evangelho e creem na vida eterna, as Irmandades de Misericórdia encontram, por isso, plena razão de ser e de agir, também nos valores morais e religiosos.

Redescobrimo todos os valores que lhe são próprios, estas antigas Instituições têm motivos para estarem esperangadas num futuro cada vez de maior desenvolvimento, já que a prática da Misericórdia é, não só, uma profunda experiência do coração humano como, igualmente, um dos mais explícitos mandatos evangélicos.

de -~~VGZ~~ Misericórdias -

- Para felicitar as ofertas

No intuito de facilitar as ofertas a enviar para esta Misericórdia pode-se desde agora depositar em qualquer agência da CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS neste nosso número de conta:

MISERICÓRDIA DE SARDOAL

CONTA N° 503 - C - 16

PENSAMENTO

«Um homem consciencioso nunca dá uma tarefa por terminada».

PARA A HISTÓRIA

...do SARDOAL ANTIGO



Um BISPO ilustre que teve grande fama

D. António Alves Ferreira nasceu a 11 de Junho de 1864 no lugar de Valhascos, freguesia e concelho do Sardoal. Só em 1880 começou os seus estudos em Castelo Branco, sede da antiga diocese a que pertencia o Sardoal. Ali fez os preparatórios para o curso teológico; suprimido, porém, o bispado de Castelo Branco, matriculou-se no primeiro ano de teologia, no seminário de Portalegre, em Outubro de 1883. Concluiu o curso em 1886 e celebrou a primeira missa no dia de Natal do mesmo ano. Em 1886 e 1887 repetiu os preparatórios no liceu de Portalegre; em Outubro de 1887 matriculou-se na universidade de Coimbra no primeiro ano de teologia e em Outubro de 1888 no primeiro ano de direito. Concluiu as duas formaturas em 1893. Desde Junho de 1889 era pároco colado da freguesia de S. Facundo, concelho de Abrantes; mas alcançou dispensa de residência para frequentar a universidade. Em Coimbra foi capelão da Real Capela da Universidade e do mosteiro de Santa Clara.

Em Setembro ou Outubro de 1894 resignou o benefício de S. Facundo para ir desempenhar o cargo de vice-reitor do seminário de Lamego, no qual se conservou até Julho de 1906. Em Lamego reger a cadeira de geografia e história e a de teologia dogmática; e exerceu os cargos de promotor do bispado, examinador pró-sinodal e por algum tempo o de governador do bispado; foi cônego da sé e durante mais de um ano presidente da direcção do Asilo da Infância Desvalida. Em 1906 saiu de Lamego por ter sido provido num canonicato da sé patriarcal de Lisboa, com ónus de ensino em o seminário de Santarém, onde reger uma das cadeiras de teologia moral.

Apresentado coadjutor e sucessor do Bispo de Viseu, por decreto de Novembro de 1907, foi preconizado em consistório de 19 de Dezembro do mesmo ano, com o título de Martirópolis. Recebeu a sagração episcopal em 26 de Janeiro de 1908, e entrou em serviço no meado de Março do mesmo ano. Por morte do Bispo D. José Dias Correia de Carvalho, foi Bispo de Viseu desde 2 de Julho de 1911.

Em 3 de Janeiro de 1912 expediu uma circular em que condenava as associações denominadas cultuais.

Por decreto do dia 14 foi-lhe imposta a expulsão do distrito por dois anos. Passou então à sua terra natal, onde esteve até que em 5 de Maio do mesmo ano foi assentar casa em Fornos de Algodres. Regressou a diocese, no dia 20 de Janeiro de 1914.

Faleceu em Viseu a 29 de Janeiro de 1924, depois de dois ou três anos de doença cardíaca.

in "Hist. da Igreja em Portugal"
-Fortunato de Almeida

Os que muito nos querem!

Numa reunião de trabalho, em Março de 1985, a Mesa Administrativa da Misericórdia escutou a seguinte proposta do seu Vice-Provedor na altura, Irmão Júlio Nunes Grácio - a qual foi aceite por aclamação unânime:

a) Considerando que o Senhor Lúcio Serras Pereira, recentemente falecido, era o mais antigo Irmão desta Santa Casa da Misericórdia, pois, como se pode verificar por alguns registos da Instituição, o seu nome figura, já, nessa mesma qualidade, em assentos dos anos finais da I Grande Guerra;

b) tendo em atenção, igualmente, que há mais de 70 anos, e sem qualquer interregno, aquele Sardoalense veio sempre manifestando por esta Santa Casa o seu mais acrisolado empenho e desvelo, através de um número incontável de benemerências de toda a ordem, nomeadamente de dádivas, ofertas, auxílios e doações;

c) entrando em linha de conta, outrossim, que se trata de uma personalidade da nossa terra que fruiu sempre da maior estima e respeitabilidade públicas, pelo seu carácter ímpoluto,

recto e vertical, que dele fizeram uma glória viva do Sardoal contemporâneo e um exemplo paradigmático do autêntico "Homem de Bem";

d) ocorrendo ainda, e paralelamente, a notável circunstância de ter sido o Benfeitor desta Misericórdia que mais assídua e generosamente desde sempre ocorreu em favor de todas as suas obras de Assistência (que, sem esse auxílio tão fecundo e copioso já teria, mesmo, experimentado, algumas vezes, sérias e graves dificuldades);

Tenho a honra de propor a esta Mesa Administrativa que o Sardoalense, Senhor Lúcio Serras Pereira, já publicamente reconhecido como "Irmão de Mérito" da Misericórdia de Sardoal, passe a ter a sua fotografia emoldurada no salão principal desta Santa Casa e, em complemento, se inscreva, ainda, o seu nome em adequada placa de mármore, para que, também, ao respeito e veneração das gerações vindouras, possa ficar memória e testemunho deste tão ilustre filho da nossa terra.

Por dificuldades burocráticas, de todo estranhas à Mesa Administrativa da Santa Casa, aquela proposta ainda não pôde ser apresentada formalmente, numa sessão regimental, para ser aprovada e posta em execução.

No entanto, espera-se que muito em breve venha a ser devidamente confirmada, nesses termos estatutários.

BEM-AVENTURADOS!

1 — Bem-aventurados os que se interessam tanto pelos outros (pessoas e grupos) como por si próprios: criam paz e concórdia.

2 — Bem-aventurados os que estão sempre dispostos a dar o primeiro passo: descobrirão que a outra pessoa é muito mais aberta do que aparentava.

3 — Bem-aventurados os que nunca dizem: «é o fim...»: encontrarão um novo ponto de partida.

4 — Bem-aventurados os que ouvem antes de falar: os outros os ouvirão também.

5 — Bem-aventurados os que pacientemente descobrem o grão de verdade que os de opinião oposta possuem ter: serão instrumentos de reconciliação.

6 — Bem-aventurados os que não abusam dos seus cargos e autoridade: serão respeitados e amados.

7 — Bem-aventurados os que nunca desanimam ou se desiludem: poderão influenciar os que os rodeiam.

8 — Bem-aventurados os que sabem perder e aceitar a derrota: o Senhor poderá, então, manifestar-se vitorioso.

APÓS LONGA ESPERA

Parece que vai ser feita justiça, finalmente, às Misericórdias Portuguesas, segundo um Decreto-Lei recente, do actual Executivo. O problema das Misericórdias vinha de longe. Já o regime anterior as quis molestar, nas suas actividades características. Mas o ataque frontal e directo surgiu logo após o 25 de Abril, mais concretamente no período gongalvista, em que o famigerado Decreto-Lei com a assinatura da Eng.^a Lourdes Pintasilgo as esbulhou dos seus bens e previa tacitamente a sua extinção, pura e simples, quando deixassem de manter qualquer estabelecimento ou actividade integrada na política social que, na mesma altura, se queria impor ao país.

E se logo algumas foram expoliadas dos hospitais que possuíam em contrapartida intensificaram a sua actividade benfazeja em lares da terceira idade, centros-de-dia, ou creches e orfanatos para crianças - actividades de que o País tinha imensas carências, e que somente a pouco e pouco estão sendo colmatadas.

Igualmente foram pressionando os diversos governos que se iam sucedendo, até que em 1980 foi possível obter luz verde para o estatuto de que careciam e a que tinham o mais absoluto direito.

Entretanto, esse Executivo era dissolvido e o governo socialista, que se lhe seguia, não mais deu qualquer andamento ao assunto. Só recentemente, e após a entrada em funções de outra equipa governamental o problema foi retomado, com sincera intenção de vir a ser resolvido. O respectivo diploma legal já saiu a lume, e nele se define textualmente a "vigorosa realidade que constitui, entre nós, a iniciativa privada, nos amplos domínios da solidariedade social". E, numa afirmação concreta, focalizando especificadamente as Misericórdias, logo se acrescenta que "essas instituições particulares constituem um valioso património moral e material que, ao longo dos séculos e ainda hoje, vêm contribuindo, como inegável constante social, para a melhoria das condições de vida do povo português".

E, ainda, num rasgo de honesto reconhecimento, o referido Decreto-Lei põe em evidência que "as Misericórdias, sensibilizadas por altos ideários e conscientes do dever moral que lhes cabe de exprimir por forma organizada a solidariedade entre os indivíduos, favorecem a humanização das actividades que importa desenvolver no exercício de uma política social dignificante", acrescentando-se que "por isso o Estado as reconhece, valoriza e apoia, incentivando e fomentando o seu funcionamento".

E na verdade o seu aspecto humanizante e fraterno que mais fortemente as impôs à consideração geral. Para as Misericórdias nunca o ser humano, necessitado de assistência médica ou perseguido por alguma outra carência ou necessidade, veio a ser tomado como "um número" ou "uma coisa". O afecto e o carinho jamais deixam de os envolver nestas casas de BEM-FAZER. Mas, em triste e doloroso contraponto, quantas e quantas vezes a chamada "assistência social estatizada" não conduz a um tratamento frio e indiferente dos pobres doentes, como se estes fossem simples e meros objectos...

Por isso, o povo sente frequentemente o horror de um internamento hospitalar ou social em estabelecimentos dependentes do Estado.

Enquanto aguardam as indemnizações devidas pela extorsão forçada dos seus hospitais, bem como a solução do contencioso ainda existente, as Misericórdias continuam infatigavelmente a desdobrar-se em muitos outros sectores-chaves de assistência e solidariedade para com todos os que precisam!

ALBERTO DIOGO DE SOUSA

AOS NOSSOS BENFEITORES

permitimo-nos lembrar que os utentes do nosso CENTRO DE DIA muito necessitavam de mais alguns jogos e passatempos que lhes ajudassem a preencher suavizadamente as horas de cada dia, sobretudo quando as condições atmosféricas não aconselham a sair ou a situação especial de cada um lho não permitem.

Assim para os homens, desejar-se-ia pudessem ser oferecidos alguns baralhos de cartas, jogos de dominó, damas e loto; para as albergadas, romanos ou meadas de lã e linhas para tricotar, assim como linhas para "crochet" - e, ainda, revistas com modelos de rendas e artigos de vestuário (não complicados!) e materiais simples para peças de artesanato.

Outrossim, e para todos em geral, livros, revistas ou publicações - mas que sejam de leitura própria e adequada à classe etária a que se destinam.

Correspondência



Por dificuldades de espaço que a estreiteza actual do nosso BOLETIM não permitiu superar, ainda, vimos respondendo sempre, e por escrito, a todas as questões que nos são trazidas por via postal. Com efeito, nesta Casa houve sempre essa boa norma de atender, o melhor que é possível, todos os que se nos dirigem.

Reabrimos hoje, no entanto, esta secção para abranger um ponto determinado: - a mesma pergunta, que nos vem de diferentes zonas do país onde chega o nosso mensário.

Assim, queremos referir que este Boletim nasceu, efectivamente, com periodicidade mensal - a qual, aliás, se procurará manter. Sucede, no entanto, que por dificuldades que nos ultrapassaram, se vem observando um atraso grande na publicação e daí que tenhamos sido forçados ultimamente a agrupar num só exemplar dois ou três meses de cada vez, até se reentrar na normalidade. Foi a solução mais plausível que se nos deparou - embora a contragosto, como é natural.

A propósito, deverá referir-se, também, que houve de início várias promessas espontâneas de colaboração efectiva, mas bem poucas se vieram depois a concretizar, não passando, com efeito, de simples entusiasmos de momento... Isso sobrecarregou, naturalmente, o trabalho dos que se mantiveram firmes e não desertaram!

Não obstante, e apesar de tudo, julga-se possível que dentro em breve se possa reencontrar o ritmo perdido, voltando-se à regularidade mensal, que todos parecem desejar.

MEDITAÇÃO

"No que respeita à Caridade, nunca se pode pecar por excesso".

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia - SARDOAL

Edição, Direcção e Propriedade: MISERICÓRDIA DE SARDOAL

- 2230 SARDOAL

10 21/23 Outubro/Dezembro de 1985

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Publicação mensal